

Meu Lugar na UFRGS

FLÁVIO DUTRA/JU



Alegria em servir

ELE NÃO PARA UM MINUTO! Percorre as fileiras de mesas como se fosse um cortorcionista: desvia de uma cadeira aqui, de uma pessoa acolá. Recolhe os pratos com restos de uma refeição e logo já vem trazendo uma bandeja de fritas, bife, arroz e salada. É só piscar que ele some cozinha adentro e, quando me dou conta, sua voz ecoa pelo ambiente, chamando o dono do próximo pedido.

Apesar do uniforme jovial – boné, camisa amarela, tênis e avental preto – e da energia inesgotável, é fácil distinguir Alzemi Alves Ferreira do restante das moças e rapazes que trabalham no bar do Antônio, no Câmpus Centro. O bigode grisalho é marca registrada e não esconde a idade verdadeira, apesar de o seu dono afirmar, galhofeiro, que atualmente está com “20 e poucos anos”.

Miro, como é chamado pelos colegas e frequentadores do Antônio, tem 54 anos e é um dos empregados mais antigos do estabelecimento. Entre os estudantes da UFRGS, é praticamente uma celebridade, mesmo que, segundo ele, nunca tenha dado uma entrevista para a televisão ou para o Jornal antes. Num cantinho do bar, entre a parede e uma mesa, repórteres, gravador e câmera de vídeo chamam a atenção de quem está à volta, e não demora muito para o primeiro cliente mexer com o funcionário: “Tem que começar a cobrar cachê, hein?”, brinca um senhor de cabelos brancos.

Poucos imaginam, mas antes de começar a trabalhar atrás dos balcões do Antônio, na metade da década de 70, era Miro quem polia e limpava os sapatos dos passantes que transitavam pela Universidade. Acompanhado de um grupo de engraxates, ele percorria os bares da UFRGS com sua caixinha de madeira, suas latas de tinta e sua escova. De tanto ficar na frente da lanchonete do Antônio, Miro começou a ser convocado para fazer pequenos serviços ao seu dono: buscar pão, comprar leite e alimentos que faltavam. “E foi assim que eu entrei. Tinha muita gente que trabalhava comigo, mas só quem ficou no bar fui eu”, relembra.

A expressão gaúcha sai esticada quando pergunto se muita coisa já mudou no local desde a época em que ele entrou: “Baaah, tu nem imagina! É que o bar, na época, era bem menor, uma caixinha de fósforos. E enconstado no diretório acadêmico”. Com a saída deste último, o espaço pôde ser ampliado e o local foi tomando a forma que tem hoje. O que não sofreu alterações com o passar dos anos foi a imagem do Antônio como ponto de encontro dos estudantes. Das reuniões de greve à cervejinha com os amigos na sexta, tudo sempre passou pelos olhos e ouvidos de

Miro. “O Antônio é um centro de comunicação. A gente está por dentro de tudo aqui”, completa. É por isso que fica difícil escolher uma história marcante dentre tantas já vividas. Miro lembra com carinho e saudade de alguns casais que se conheceram dentro do bar e, mais tarde, celebraram suas festas de casamento entre os doces e salgadinhos da lanchonete. Convidado recorrente nas formaturas dos alunos, o funcionário justifica que só não vai em todas por conta do horário de trabalho e da distância de alguns lugares. “É tão bom tu ver o quanto de gente já passou por ti e se formou aqui na UFRGS. Tem um aí que já está desde o início do ano dizendo que vai trazer o convite da festa dele para mim”, conta.

Já me ofereceram empregos com salários maiores, mas para mim isso não é o importante. Eu gosto de fazer o que eu faço e amo isso aqui”

Nascido no interior de Torres, onde passou parte da infância, Miro sente falta de ter um contato maior com a natureza. Seu sonho é ter um sítiozinho para poder plantar e viver tranquilo com sua esposa Neli e seus quatro filhos, frutos desse e de mais outros dois casamentos. Enquanto esse dia não chega, o funcionário vai enchendo de verde o seu local de trabalho: foi Miro quem cultivou as plantas que enfeitam o bar do Antônio. “Tem até um pé de pitanga lá dentro”, aponta orgulhoso para o pequeno canteiro perto da porta.

Por conta do tempo que passa no bar – de segunda a sábado –, os funcionários e clientes do Antônio se transformaram na segunda família de Miro. “Se algum dia alguém chegar e me disser ‘vou te botar para a rua’, acho que vai ser quase como uma facada no meu peito. Já me ofereceram empregos com salários maiores, mas para mim isso não é o importante. Eu gosto de fazer o que eu faço e amo isso aqui”, diz emocionado.

Daiane de David, estudante do 5.º semestre de Jornalismo da Fabico

Esta coluna resulta de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET diariamente, a partir das 20h10min.

Você tem o seu lugar na UFRGS?

Então escreva para jornal@ufrgs.br e conte sua história – ou a de alguém que você conheça – com esse local

Perfil

Escrever, escrever, escrever...

Paulo Guedes
Quem foi seu aluno no curso de Letras ou de Jornalismo da UFRGS sabe do que estamos falando

Jacira Cabral da Silveira

“Sou engenheiro, não sou filósofo.” É como Paulo Coimbra Guedes, professor do Instituto de Letras das UFRGS, se define. Teoria que nasceu de uma conversa de bar com uma amiga professora de Física e sua ex-aluna do Colégio Anchieta. Depois de algumas reflexões sobre Física, Engenharia e outras coisinhas mais, Paulo irrompe com uma grave declaração: “Rita, tive uma iluminação! Não sou um linguista, sou engenheiro. Eu aplico o conhecimento. O que eu faço é usar a linguística para ensinar a escrever”.

Há 43 anos professor, Paulo costuma dizer que a primeira coisa inteligente que disse numa aula de Português foi no Colégio Estadual Marechal Rondon, em Canoas, ao falar sobre diminutivo. Assim que os alunos concluíram suas conjecturas a respeito do conceito de diminutivo – quando muitos disseram que era uma coisa pequeninha –, Paulo descreveu a seguinte cena e os convidou a pensar: “Se o Alberto [um dos meninos mais baixos da turma] namorar a Julieta [mais alta do que o professor], ele nunca vai poder chamá-la de Julietinha?”.

Na mesma época, 1968, teve sua breve experiência como copidesque da editoria de Polícia no jornal Zero Hora, no qual trabalhou por dois meses. Ele atribui tão meteórica carreira ao seu ritmo de trabalho: “Eles me achavam muito lento”. Em 1972, começou a dar aula de redação técnica no então Ciclo Básico da UFRGS. Com ele, eram quase 30 docentes de Português, coordenados pela professora Rebeca Poiastro, com quem conseguiram aprender não só a dar aula de redação técnica mas também o que era isso. Esforço que resultou, entre outras coisas, na publicação do livro *Redação Técnica*, escrito a dez mãos.

Dois anos mais tarde, Paulo passou a dar aula no curso de Jornalismo. Num sentimento misto entre satisfação e “não sei o que estou fazendo aqui”, entrou na sala de aula da primeira turma acompanhado do chefe de departamento, que o apresentou como professor de Redação Jornalística. Quando o chefe saiu, um aluno perguntou em que jornal ele trabalhava [todos os outros professores eram jornalistas]. A resposta veio seca: “Não trabalho em jornal nenhum, mas não tô aqui pra ensinar aquela baboseira de pirâmide invertida, porque qualquer idiota que não aprender aquilo numa semana de redação pode desistir da carreira. Estou aqui pra ensinar coisas mais importantes. Pura bravata, mas, se eu não fizesse isso, não sobrevivia”.

Quando mudou o currículo da Comunicação, na década de 80, Paulo foi convidado a integrar a Comissão de Carreira (nome antigo para o que hoje se chama Comissão de Graduação) do Curso de Comunicação. Aí ele se can-



FLÁVIO DUTRA/JU

didatou como representante do Curso de Letras naquela Comissão e participou da elaboração do novo currículo. À época, Paulo começou a dar aula no Instituto de Letras, que também estava vivendo tempos de mudança curricular. Então ele propôs a criação de quatro disciplinas: Comunicação em Língua Portuguesa I, II e III, e Linguística e Comunicação. E a proposta foi aceita: “Foi decisivo, porque o que eu queria era exatamente isso: ensinar a escrever para ver se eu aprendia”.

Outra teoria do Paulo: uma pessoa não só pode aprender a escrever como não existe outro remédio senão aprender. Falando em escrever, ele confessa que nunca foi um bom aluno de Português no colégio, e o que salvava suas notas era o fato de escrever bem, porque escrevia todos os dias.

Mas dar aula não era bem o objetivo de Paulo quando entrou na faculdade, em 1962. Queria mesmo era ser escritor, até porque era um dos garotos mais tímidos de seu grupo de conhecidos. Bastava o professor olhar para ele esboçando a mais remota intenção de pedir algo para deixá-lo em pânico. Por outro lado, “fazia teatro, imagina!”. Uma vez chegou a se oferecer para encenar um monólogo de um texto de Gil Vicente numa festa.

Por essas atitudes que pareciam contraditórias, Paulo se achava meio esquisito e, embora quisesse ser escritor, não tinha o hábito de escrever com frequência e nunca foi de ficar imaginando histórias. Seu romance *Tratado Geral da Reunião Dançante*, por exemplo, reúne textos que foram escritos ao longo de mais de vinte anos e só foi publicado em 1998 por pressão de amigos. Sua produção, entretanto, reúne uma série de livros e artigos.

Aventuras no Guaíba – Foi em uma máquina de escrever que apareceu mis-

teriosamente na casa dos Guedes, no bairro Partenon, que Paulo “escrevia antes de saber escrever”. Seu José, funcionário público, e dona Maria, dentista, iam sozinhos para o filho cada palavra de que ele perguntava a grafia. Único filho homem entre três irmãs, ele costumava ajudar os vizinhos a levar as cabras para pastar no morro Santa Luzia, que ficava bem próximo à sua casa. “Fui pastor de cabras”, brinca.

Passando a infância rural, Paulo chega à adolescência como a maioria dos garotos: praticando muito esporte, do futebol ao remo. Este último, inclusive, deu margem a muitas aventuras. Junto com dois amigos de origem alemã, comprou com a mesada de estudante um barco a vela. Nadar não era problema, mas havia um detalhe: eram totalmente inaptos em relação à arte de velejar. Ignorância que ficou evidente já na estreia. Também pudera, era um dia em que havia sido suspensa uma regata por excesso de vento, mas os jovens iniciantes não tomaram conhecimento do fato. Não deu outra, viraram o barco logo na saída: “Nos agarramos ao barco e depois nos rebocaram com uma lancha”. Só abandonaram o esporte por problemas financeiros, porque o clube aumentou exorbitantemente a mensalidade e os rapazes foram obrigados a vender o veleiro e a abandonar a promissora experiência de velejadores: “Chegamos a participar de uma regata, mas chegamos depois do tiro que encerrava a competição”.

Durante dez anos, ele praticou *aikido*, mas precisou abandonar o esporte por problemas na lombar: “Tem que cair muito”, explica. Agora se dedica a práticas meditativas: “Isso tem a ver com minha prática antes de eu ter consciência dessas coisas. Tem a ver com o tempo em que comecei a olhar os textos dos meus alunos e a achar que eu tinha que dar um palpite pra que aquilo melhorasse”.